



**(NOVAS) IMAGENS DA NATUREZA: PONDERAÇÕES SOBRE A ATUAL
NARRATIVA AMBIENTAL NA CULTURA E NA TV**

Edson Capoano¹

Resumo

O trabalho atualiza a discussão do mestrado “Globo Repórter: imagens veladas da natureza”, realizado entre 2004 e 2006², que trata de discursos culturais gerados pela cultura e pela TV quando intermediavam a natureza brasileira. Para tanto, este trabalho trará o contexto e as principais narrativas culturais no Brasil e no mundo sobre meio ambiente de hoje, analisará a produção audiovisual contemporânea e utilizará reflexões de Vilém Flusser sobre natureza e cultura para atualizar a pesquisa de 10 anos atrás.

Palavras-chave: Imagens. Natureza. Cultura. Comunicação. Jornalismo. Vilém Flusser.

Introdução

O mestrado “Globo Repórter: imagens veladas da natureza”, realizado entre 2004 e 2006³, tratava dos discursos culturais gerados pela cultura e pela TV quando intermediavam a natureza brasileira. Mas muita coisa mudou na comunicação e no ambientalismo desde então. Após 10 anos desta pesquisa e para celebrar sua futura publicação⁴, é necessário fazermos uma atualização do que ocorreu no mundo, no Brasil e na comunicação.

Fazia apenas quatro anos havia ocorrido da Rio+10, conferência mundial sobre meio ambiente em Johannesburgo, atualizando a grande Eco92, no Rio de Janeiro. Mas a conferência já ocorria natimorta, pela dificuldade de consenso entre as grandes potências econômicas. Os EUA, produtor de 25% de toda poluição atmosférica do planeta, preocupavam-se mais com a Al Qaeda, Iraque e Afeganistão. Desde o atentado às torres

¹ Pós-doutorando pela Universidade de Navarra. Doutor pelo Prolam-USP em Comunicação e Cultura; Mestre em Comunicação e Semiótica e Bacharel em Jornalismo pela PUC-SP. Docente e pesquisador pela ESPM-SP e Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: edson.capoano@gmail.com.

² Realizado na PUC-SP, sob orientação do prof. Norval Baitello Jr. Acesso em www.dominiopublico.gov.br/ e <http://www.sapientia.pucsp.br/>

³ Idem.

⁴ O mestrado foi aprovado para publicação no Brasil e no exterior pela editora alemã OmniScriptum GmbH & Co/NEA-Novas Edições Acadêmicas.

V COMcult

o que custa o virtual?

WTC em 2001, o terrorismo era o grande tema global, deixando a segundo plano o ambientalismo. Já a China, focada em se tornar a segunda potência mundial, fazia vista grossa a qualquer iniciativa que rompesse seu crescimento econômico de 10% ao ano.

No Brasil, o programa de renda mínima Bolsa Família alçava milhões de pessoas para a classe média a partir de 2004 e, com isso, ao mercado consumidor. A compra de veículos, o número de construções residenciais e a produção de lixo cresceram exponencialmente. Em 2008, a então ministra do Meio Ambiente Marina Silva pede demissão do cargo, após perder queda de braço para a bancada ruralista, nos casos da liberação comercial de alimentos transgênicos e no controle do desmatamento, e para a escolha federal pelo rumo ao desenvolvimentismo ao invés do ambientalismo, quando da construção de hidrelétricas no rio Madeira, a cargo da então ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff.

No jornalismo e no entretenimento informativo, houve duas tendências: a de acompanhar o foco da política e da economia; e a de espetacularizar a cobertura ambiental graças às novas tecnologias que despontavam. Ficaremos com este último fenômeno para análise.

A pesquisa

Nos anos 2000, o programa *Globo Repórter*, da Rede Globo de televisão, mostrava-se um objeto de estudo ideal, pois tinha três décadas de existência, era produzido pela maior emissora brasileira e tinham formatos televisivos muito específicos, que pareciam criar eco no imaginário brasileiro sobre o que é natureza, tamanha é sua audiência.

Decidiu-se delimitar o estudo de imagens ambientais ao GR, fossem audiovisuais, discursivas verbais ou com conteúdos culturais implícitos. O GR formata discursos sobre meio ambiente de modo muito peculiar.

Dessa forma, *a primeira seção do mestrado* tratou de buscar as origens do programa, desde a sua concepção no período da ditadura militar brasileira (1964-1984), suas raízes ufanistas e sua estética experimentalista. A seguir e como foco do trabalho, foi analisado um episódio em especial de GR sobre o Pantanal mato-grossense, bioma especialmente rico para pesquisa e para imagens, o que revelou diversos discursos sobre a natureza. Vimos sua

V COMcult

o que custa o virtual?

construção enquanto produto audiovisual e refletimos sobre quais textos culturais seu discurso foi baseado.

O Globo Repórter é um programa com grande responsabilidade. Foi a segunda maior audiência da Rede Globo em 2005, segundo dados do Ibope. Seu alcance lhe da grande poder de influenciar o imaginário do telespectador brasileiro. Buscou-se nesse mestrado compreender se os formatos jornalísticos que intermediam a temática da natureza no GR tinham competência ao fazê-lo ou se eram apenas uma trama ficcional, baseada em fatos e imagens do mundo real. Isso tem importância, pois pelos conceitos formados nesse espaço público formado pela TV, partiriam decisões afirmativas, no plano real, para a proteção ou degradação do meio ambiente. Apesar de abordar quais são as imagens de natureza produzidas pela cultura, esta dissertação não poderia abarcar todas as concepções teóricas nem todos os momentos históricos que o tema foi levantado. Portanto, decidimos focar nos discursos culturais contemporâneos sobre a natureza e que supostamente formam os conceitos da sociedades que hoje produz e consome o GR.

Assim, *o segundo capítulo do trabalho* abordou três discursos culturais relacionados. O primeiro conceito retratado provindo da Modernidade, época que influenciou o modo contemporâneo de se compreender a natureza. A subseção seguinte retratou os movimentos ambientalistas do final do século XX, suas vertentes ideológicas e a sua formação no Brasil. A última mostrou a revalorização da natureza enquanto elemento vital ao homem, a partir das resoluções governamentais e seus consequentes acordos ambientais, como a Agenda 21, que redirecionou as sociedades de hoje a produzirem novas mediações com o meio ambiente. Tais produções culturais criam imagens da natureza que certamente influenciam tanto as concepções dos jornalistas televisivos quanto as dos telespectadores.

O terceiro capítulo deste mestrado foi dedicado ao estudo de teorias da cultura que se aprofundam na construção simbólica da natureza, antes de qualquer suporte audiovisual eletrônico de comunicação. A primeira subseção tratou da autonomia das ideias e dos símbolos perante a natureza e o plano das coisas. A segunda parte abordou a construção de signos e textos de cultura. A terceira subseção considerou as imagens interiores da natureza, os discursos contidos no homem antes de qualquer intermediação jornalística. E a última parte deste capítulo refletiu sobre visões que se sobrepõem. Uma distanciada da natureza,

V COMcult

o que custa o virtual?

quando o ser humano utiliza a razão e a cultura para se libertar; a outra, emocional, busca o encantamento do mundo e da humanidade através da religação com a natureza.

Uma dificuldade do trabalho foi delimitar quais conteúdos teóricos serviriam de base para a análise das imagens de GR. Resolvemos utilizar os conceitos que explicam a produção de textos e discursos culturais, como os de Ivan Bystrina; os estudos das imagens e como elas podem se descolar de sua origem material, segundo Dietmar Kamper; e a tensão nos discursos e na vinculação produzida entre os veículos de comunicação de massa e a audiência, fenômeno estudado por Harry Pross. Tais conceitos provêm de encontros, discussões, reuniões e pesquisas de um centro de pesquisas que trabalha com a Teoria da Cultura e a Teoria das Mídias, o CISC.

Outra decisão difícil a ser tomada foi a exclusão de vasto conteúdo discutindo ambientalismo e ecologia, existente nas universidades, ONGs e revistas especializadas. A pesquisa provem do jornalismo ambiental e consumidor e por boa parte dessa bibliografia vem abordar a necessidade de comentar correntes ambientais diversas e dirigir a pesquisa para alguma destas vertentes. Mas a partir da delimitação do tema, percebeu-se que este trabalho deveria se encaminhar aos fundamentos da comunicação e não do ambientalismo. Os esforços da pesquisa foram voltados, portanto, à cultura e mediação televisiva que falam sobre a natureza, e não sobre esta em si. Caso contrário, correríamos o risco de tornar este trabalho em mais um guia holístico de relação com a natureza, já que não tínhamos embasamento tão rico em biologia, ecologia, política ou economia para a criação de novos conceitos ambientais.

Assim, a *quarta parte do mestrado utilizou* todos os conceitos anteriormente abordados, mas se aprofundou nas teorias das mídias e em seus autores, que refletem sobre a importância das mediações eletrônicas para a vinculação dos indivíduos entre si e entre estes e o meio em que vivem atualmente. Foram ressaltados os processos de desligamento do real a partir do abandono da experiência humana e a ascensão da simulação pelas imagens. A hipertrofia das imagens da natureza e o conseqüente aumento da desvinculação dos telespectadores com o meio ambiente foram outras hipóteses a serem comprovadas.

Espera-se que um trabalho científico com estas intenções seja útil à sociedade. Pois o simples consumo de produtos culturais que abordam o tema natureza não são garantia da

V COMcult

o que custa o virtual?

vinculação da sociedade com o meio ambiente. Se não forem desenvolvidos com competência simbólica e compromisso social, esses programas podem desviar a atenção do telespectador a temáticas secundárias em lugar de aproximá-lo de seu interesse inicial, a natureza.⁵

Acredita-se que a pertinência do trabalho se deu ao destacar a preservação simbólica da natureza através da televisão, temática pouco abordada em trabalhos científicos, que se destinam mais ao estudo do meio ambiente material. Porém, as imagens da natureza geradas nos suportes eletrônicos de comunicação se tornam extremamente importantes hoje em dia, já que a partir desses discursos audiovisuais são formados conceitos por parte da população, além da adoção de medidas efetivas em prol ou contra a natureza. A preservação ambiental atual passa pela sua manutenção simbólica nas mentes dos indivíduos e nas produções jornalísticas.

O leitor deste trabalho encontrará, portanto, um esforço para esclarecer os processos de realização de alguns discursos televisivos sobre a natureza. Seja o consumidor desta obra um curioso, um telespectador, um jornalista ou um acadêmico, terá acesso a um raciocínio que pretendeu exhibir a natureza tal qual uma lousa branca para diferentes abordagens culturais. E que o jornalismo televisivo, alvo deste estudo, escolhe algumas das várias formas de se retratar o meio ambiente. Se o Globo Repórter é feliz em suas coberturas e cria imagens da natureza condizentes com o plano do real e com as concepções da cultura em que está inserido, cabe a você, leitor e telespectador, dizer. Flusser disse, pela sua obra, como deixamos que haja mediadores em relação à natureza, sejam cientistas, sejam produtores televisivos. Nossa intenção de contato com ela se daria através do ver. Bastaria-nos a

⁵ As imagens são consideradas janelas para o mundo, mas também podem ter a função contrária, a de antijanelas, como um vão que separa a realidade de nossos olhos, através do fascínio que produzem em n s. Ou seja, podemos consumir imagens não apenas porque nos encaminham para o real, mas porque realizam processos comunicativos que giram em torno de si mesmas, que podem nos afastar do real. Sobre um dos primeiros est mulos para a produção de imagens, a morte, Norval Baitello Junior reflete nos processos que tornaram as imagens janelas para si mesmas:

Para fugir desse destino (a recordação da morte), as imagens passaram a se superficializar de tal forma que recordem tão somente outras imagens. Igualmente o procedimento da animação acelerada almeja a mesma fuga, por um lado pela animação, imagem do movimento, por outro pela aceleração, impeditivo da introspecção. Assim, ao consumir imagens, já não as consumimos por sua 'função janela' (Kamper), mas pela sua 'função biombo' (Flusser). Ao invés de remeter ao mundo e s coisas, elas passam a bloquear seu acesso, remetendo apenas ao repertório ou repositório das próprias imagens. (BAITELLO Jr. 2005: 54)

V COMcult

o que custa o virtual?

vinculação imagética, indolor, insípida e imortal, afinal, o registro cultural e audiovisual da natureza é uma forma de perenizá-la.

Hoje

“Em um mundo onde as experiências humanas estão limitadas pela velocidade e pelas atribuições do ritmo da vida contemporâneo, voltamos a atenção cada vez mais para refúgios de paz e perfeição”. Essa é a abertura da introdução da dissertação de Mestrado sobre jornalismo ambiental na TV, focada no programa Globo Repórter, da maior emissora de televisão do Brasil.

O mundo ocidental, capitalista e urbano parece ter se acelerado ainda mais desde então. A tecnologia da informação se integrou às experiências humanas, fazendo delas não mais limitadas, mas “aumentadas”. Óculos 3D e smartphones oferecem informação não apenas no lugar da realidade, mas sobre ela, graças a tecnologias como a realidade aumentada.

Vilém Flusser (1920-1991), filósofo tcheco naturalizado brasileiro, provavelmente escreveria novos livros ao ver jovens fotografando e postando em redes tudo e qualquer coisa que façam, ao experimentar sensores táteis e de calor para oferecer informação a cada passo que damos no mundo real. Destacaria a expressão “realidade aumentada”, dada a pretensão de a cultura humana querer criar o real maior e melhor que o próprio real.⁶

Por esses e outros fenômenos, o mestrado “Globo Repórter: imagens veladas da natureza” parece se manter atual. Se nos anos 2000 a natureza era um oásis no programa de televisão analisado, hoje as TVs de ultradefinição de imagem e som propõem fidelidade nunca alcançada na cobertura da natureza. Provavelmente, logo poderemos tocar nos pelos da onça e cheirar as flores do campo. Mas ainda sentados no sofá, que provavelmente chacoalhará em 4D, 5D, 6D...⁷

⁶ Flusser nos oferece uma das chaves para o processo de desmaterialização do corpo, na perda crescente das dimensões do espaço do corpo e do seu tempo de vida (cf. Blumemberg, 1986). Os efeitos sobre a pluralidade da existência sensorial são com certeza imprevisíveis, porque o processo atual sobre as bases da propriocepção, gerando um corpo que apenas vê quando é visto, se observa quando Ø observado, jamais se sente porque não pode ser sentido. (FLUSSER, apud BAITELLO JR. 2005: 89)

⁷ Quando observo a chuva pela janela, não apenas me encontro fora dela, mas em situação oposta a ela. Tal situação caracteriza cultura: possibilidade de contemplação distanciada da natureza. (FLUSSER. 1979: 35)

V COMcult

o que custa o virtual?

As técnicas de captação, gravação e edição também se aprimoraram. Se em 2006 o Globo Repórter misturava informação ambiental com apego emocional, hoje temos verdadeiras produções dramáticas tendo a flora e fauna como cenário e protagonistas. Truques de plano e contraplano, super zoom, slow motion e câmeras drones se aperfeiçoaram, aproximando ainda mais o meio ambiente das lentes, das telas e dos nossos olhos.

Em quanto ao refúgio simbólico que se tornaram os programas pseudoambientais de então, hoje, isso é um mercado de bilhões de dólares, liderados por gigantes da comunicação como National Geographic, BBC e Discovery Channel. O exotismo dos longínquos locais registrados se tornam cada vez mais mágicos pela qualidade técnica de gravação, e mesmo os ambientes naturais próximos ao telespectador se tornam fantásticos, dado que a forma de apresentá-los se aprimora. A TV vê o meio ambiente melhor que nossos olhos e compartilha esse olhar conosco. Se nos mantivermos sentados frente a ela.⁸

O marketing não fica atrás. “Eco”, “sustentável” e “consciente” se consolidaram como palavras-chave para vender de bancos a empreendimentos imobiliários, de moda a eventos culturais. Hoje, é praticamente uma obrigação social consumir produtos e informação ambientalmente corretos.

Já o medo da extinção explodiu em quantidade e variedade de narrativas. Destacamos duas. A primordial, arquetípica e mitológica é grande fonte de narrativas fantásticas para a comunicação sensacionalista. Como ocorreu em 2008, a errônea interpretação da pedra do sol maia, ou calendário maia, que aponta o fim de ciclos ou eras, não o fim do mundo. Imprensa e infotimento não se preocuparam com isso e produziram toneladas de conteúdo sobre o fim do mundo, como o canal-de-programa-único History Channel.

Já no jornalismo propriamente dito, o medo da extinção se tornou um fato retratado nas manchetes. As temperaturas estão mais extremas, perdas na agricultura são gigantescas, há água falta afeta regiões com anterior abundância do recurso, semanalmente é retratada

⁸ Não posso distinguir entre cultura e natureza olhando para as coisas, mas apenas aprendendo a respeito delas. Se olho pela janela e vejo chuva, cadeiras e árvores, não posso saber quais dessas coisas são cultura, quais são natureza. Dependendo dos outros para dizer-me. (FLUSSER.1979 : 36)

V COMcult

o que custa o virtual?

alguma ameaça ou literal extinção de alguma espécie no planeta. Efetivamente, o mundo está acabando, ao menos como tínhamos em mente.

As imagens da natureza construídas pelo homem se mostram, portanto, esquizofrênicas. Por um lado, a sociedade ainda supervaloriza as imagens da natureza plena, eterna e intocável. Por outro, é como se admitíssemos o fim dela e escolhêssemos a cultura como substituta do natural. Irracional, mas em curso.

Vilém Flusser, com sua obra "Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza" (1979), apresenta como o ser humano gerou a cultura para se tornar independente da natureza e, a seguir, os textos culturais sobre a natureza para poder manipulá-la, controlá-la e vencê-la. A natureza real sempre foi alterada pela nossa forma de olhar.

A cultura auxilia a produção do real, seja ele concreto ou simbólico, individual ou coletivo. Mas qual a vantagem de se descolar das referências primordiais do ser humano os cinco sentidos em contato com o meio - em detrimento das nossas próprias representações, nosso mundo produzido pela cultura? Impor-se sobre a natureza, vencê-la, tornar-se autônomo das incertezas do mundo. Essa foi a inspiração da evolução humana sempre, tanto na Modernidade devoradora quanto na Contemporaneidade.⁹

Se na introdução do mestrado de 2006, já havia a afirmação que a natureza retratada nos televisores está fracionada, retalhada e alterada pelos diversos mediadores que o abordam, esse fenômeno se radicalizou, tanto pelas tecnologias de comunicação e informação, quanto pela sociedade contemporânea, que vive esquizofrenicamente com a natureza e fora dela. As imagens primordiais de natureza, porém, seguirão existindo, sejam coladas no ambiente real, seja nas milhões de telas que se proliferam no século XXI, para manutenção de nossa sanidade e para os índices de audiência e *pageviews*.

O programa Globo Repórter, por sua vez, segue como um dos carros chefe da Rede Globo de televisão. Dos até 50% de audiência dos anos 2000, porém, os números caíram para cerca de 20% nos anos 2010. Resultado da profusão de telas disponíveis dos tablets e

⁹ *Pelos caminhos 'artificiais', 'culturais', os homens caminham altivos rumo a um destino que eles próprios projetaram. Pelos caminhos misteriosos, 'naturais' (...) No entanto, tal distinção entre caminhos 'culturais' e 'artificiais' sugere primeira vista, conceito inteiramente insatisfatório de 'arte' e de 'cultura'. 'cultura' seria, de acordo com tal critério, a imposição deliberada de um significado humano ao conjunto insignificante de 'natureza', e 'arte' seria o método pelo qual o espírito humano se impõe sobre a natureza. (FLUSSER, 1979: 14, 15)*

V COMcult

o que custa o virtual?

smartphones, do aumento da concorrência entre canais abertos e a cabo, do envelhecimento da audiência tradicional e da não reposição da mesma pelos jovens e da melhora da condição econômica de muitos brasileiros, que podem sair na sexta à noite ao invés de ver o mundo pela TV.

O certo é que o Globo Repórter, em algum episódio do mês, vai investir na natureza mágica e inalcançável, misto de informação e entretenimento. O programa continua a ser a grande janela da cultura e das imagens naturais do Brasil pela TV. Continua honesto com sua proposta inicial, com sua linguagem visual refinada, cinematográfica, sua narrativa ufanista e otimista, sua fórmula informativa simples e cativante. Graças a ele, em algum momento, nos depararemos com a nova última praia virgem, o novo último animal nunca gravado, a nova última planta ou fruta com poder medicinal.

Referências

BAITELLO JR., N. **A era da iconofagia: ensaios sobre comunicação e cultura**. 1ª edição. São Paulo: Hacker, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Naturalmente: vários acessos ao significado de natureza**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.